

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgredir a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____.; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____.; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternais; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgredir a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternais; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventura-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé- lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

**O PERCURSO EPISTOGRÁFICO MACHADIANO:
DO NASCIMENTO DO POETA
À CONSAGRAÇÃO DO ROMANCISTA**

Tatiana de Oliveira Miguez (UERJ)
tati-miguez@hotmail.com

RESUMO

Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência “gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado”, traçar pontos que possam desvendar a grafia de vida desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes. Em linhas gerais, este trabalho pretende examinar a correspondência machadiana – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da grafia de vida do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador. Para compreender o gênero epistolar, tomo como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a escrita de si e sobre a correspondência como gênero, com destaque para os estudos de Michel Foucault (1985), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016). Por meio da análise detalhada do epistolário machadiano, pretende-se provar a tese de que é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como romancista. Espera-se encontrar em suas missivas reflexos de seu crescimento e amadurecimento intelectual, possibilitando, assim, mapear seu percurso de “Machadinho” a Machado de Assis.

Palavras-chave:

Epistolografia. Grafia de vida. Vida literária.

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de suas poesias, crônicas e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse também por sua correspondência pessoal⁷⁸.

⁷⁸ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v. 24, n. 69, p. 417-24, 2010; _____. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?_page=1; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Um dos principais incentivos atualmente para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à uma nova publicação dos volumes de cartas, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte de Machado de Assis. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais deste gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que iniciou a publicação daquela correspondência em sua *Revista* do “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Este publica em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W. M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery; no entanto, continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou também acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

Além desses epistolários gerais, foram publicados em diferentes meios, como jornais, revistas e livros, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9). Assim, o estudioso justifica o propósito da ABL em publicar a correspondência machadiana, dividida agora em cinco tomos, que abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos⁷⁹, de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

⁷⁹ Ao longo das pesquisas, documentos novos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

“Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita” (ROUANET. In: ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, apresento neste artigo meu projeto de doutorado, por meio do qual pretendo dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo inicialmente do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *grafia de vida* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Em linhas gerais, este projeto pretende examinar a correspondência de Machado de Assis, ativa e passiva, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da “vida literária” da época - últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –, período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador.

Além disso, pretende-se provar a tese de que, por meio da análise da correspondência machadiana, é possível traçar o processo de construção do autor, desde o nascimento do “jovem” poeta até a sua consagração como o romancista Machado de Assis.

Sergio Paulo Rouanet reforça esta ideia quando afirma, por exemplo, que as cartas do decênio de 1860 vão mostrando a passagem de Machadinho a Machado de Assis. Se aquele é o adolescente que fazia poemas românticos, Machado de Assis é o jornalista respeitado, que escreve no *Diário do Rio de Janeiro* (de 1860 a 1867); o comediógrafo promissor, depois de três peças representadas: *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862) e *Quase ministro* (1863); o poeta ilustre, reconhecido no Brasil e em Portugal, depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e o contista apreciado, depois que começa a escrever prosa de ficção para o *Jornal das Famílias*, em 1864.

Este projeto de pesquisa busca, portanto, mapear, por meio da correspondência, não só do decênio de 1860, mas também dos períodos seguintes, até 1908, ano da morte de Machado de Assis, a passagem do poeta ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e de cunho literário. A partir desse estudo inicial, analisaremos a correspondência machadiana, tendo como base as seguintes hipóteses: a) o decênio de 1860 corresponde aos anos de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem das letras, além de, sob o ponto de vista biográfico, corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; b) as cartas de 1870-1889 apresentam os períodos mais significativos da obra machadiana, pois cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura: em 1870-1879, o autor aventurou-se no novo gênero: o romance; o decênio 1880-1889 separa “dois Machados”, o ficcionista talentoso que fazia romances psicológicos, inserido numa estética ainda tradicional, do criador genial de *Brás Cubas*, que atualiza e transgride a retórica da autobiografia; c) as cartas de 1890-1900 apresentam importantes informações a respeito da organização e consolidação da Academia Brasileira de Letras, além de serem documentos vivos que ajudam a retificar alguns equívocos sobre esse processo; d) a correspondência do período de 1901-1904 deixa rastros sobre a composição e/ou elaboração de *Poesias completas* e *Esau e Jacó*; e) sobre o mesmo período, o acontecimento mais importante, biograficamente, é a doença e morte de Carolina; f) no período de 1905-1908, as cartas apresentam um tom de despedida, acentuando a “encenação epistolar da decrepitude”⁸⁰, refletindo como principal traço biográfico a doença e a expectativa quanto à morte.

Tendo em vista o grande número de cartas⁸¹ trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época, serão selecionados inicialmente alguns correspondentes para delimitar o *corpus* de análise. Essa primeira seleção obedecerá a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que corroborem para a comprovação de nosso objetivo principal.

Destacamos, numa primeira leitura dos volumes de cartas, o cunhado de Machado de Assis, Miguel de Novaes, pois, durante três déca-

⁸⁰ Segundo Marcos Antonio de Moraes em *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*.

⁸¹ Em síntese, os cinco volumes apresentam um total de 1178 itens.

das, foi um dos interlocutores privilegiados e é um dos poucos com quem Machado de Assis se desfaz de suas reservas. O diplomata e amigo Magalhães de Azeredo também apresenta relevância, pois em suas cartas há importantes indicações sobre a evolução das opiniões de Machado acerca de Eça de Queirós (polêmica Machado e Eça). Além disso, vale destacar a diferença de tom entre estes dois correspondentes: as cartas de Machado aparecem como graves e paternas; as de Azeredo, vivas e noticiosas. Tal dissonância se dá pela grande diferença de idade entre os dois. Quando iniciam a troca epistolar, em 1889, Azeredo contava dezesseis anos e Machado, cinquenta. Não poderiam deixar de figurar nas análises a correspondência trocada com José Veríssimo e Joaquim Nabuco. As cartas trocadas com Veríssimo merecem destaque tanto pelo volume como pela importância. Apesar da diferença de dezoito anos de idade, estes correspondentes se tratavam com tom igualitário, o que se justifica pelo fato de se encontrarem praticamente todos os dias, fosse na *Revista*, dirigida por Veríssimo, ou na repartição pública onde Machado trabalhava.

Já na correspondência trocada com Joaquim Nabuco o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Eles discutem temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Vale a pena salientar também a correspondência com Salvador de Mendonça, amigo e um dos mais antigos e constantes interlocutores de Machado de Assis. Assim como o irmão, Lúcio de Mendonça também conquistou a amizade de Machado. É um dos correspondentes com o maior número de cartas enviadas, além de ter tido papel decisivo na criação da ABL, da qual ele é, por depoimento unânime dos primeiros acadêmicos, o verdadeiro fundador.

As cartas trocadas com Mário de Alencar também figuram no *corpus*. Machado e Mário se corresponderam por um largo espaço de tempo, compartilhando principalmente seus padecimentos físicos: vemos “(...) em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143). É possível perceber que Machado de Assis votou grande afeição e confiança a Mário de Alencar, assumindo uma postura quase que paternal em relação ao amigo.

Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estuda-

dos, a fim de enriquecer as análises empreendidas a respeito da correspondência machadiana e contribuir para o desenvolvimento dos objetivos propostos neste projeto.

Temos observado que a correspondência, texto de caráter privado, de escritores e artistas, vem despertando grande interesse editorial no Brasil, motivado principalmente pela busca de aspectos biográfico-vivenciais de autores já consagrados, procurando novos dados, novas formas de leitura e interpretação da vida e obra ou, por que não, retificar incorreções da biografia de uma personalidade. A carta, neste sentido, segundo Marcos Antonio de Moraes, “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p. 30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias, pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, divergências nos grupos ou comentários sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os comentários de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Ainda assim, durante um longo período, as missivas machadianas foram vistas como “menores”, “inferiores”, por diferentes estudiosos, devido, principalmente, ao fato de compararem a correspondência à produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO *apud* MORAES, 2011, p. 95-6). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (MEYER *apud* MORAES, 2011, p. 96) e na correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das “Memórias Póstumas” é a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos gestos” (PEREIRA, 1955, p. 19-27).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale destacar que Lúcia Miguel Pereira realiza uma crítica biográfica, o que poderia justificar a análise que faz sobre as missivas machadianas.

Em 1984 temos uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar, atribuindo valor documental às missivas. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder.

Marília Rothier Cardoso, em 1985, também parece querer encontrar uma nova forma de aproveitamento e estudo das cartas de Machado de Assis, quando situa a correspondência entre duas balizas interpretativas. Uma, retomando a antiga perspectiva comparativa literatura *versus* cartas; a outra, Cardoso contrapõe Machado ao modernista Mário de Andrade, que utilizou o gênero epistolar como um instrumento para “orientar” jovens escritores, estimulando-os a encontrar um caminho próprio, e para conduzir projetos estéticos coletivos, alimentando e testemunhando, assim, a movimentação literária e política nos anos de 1920 a 1945, diferentemente do que fez Machado de Assis em suas cartas. De Mário veio a concepção bem-humorada da epistolografia do modernismo, como “forma espiritual de vida em nossa literatura”, em contraponto àquela da época de Machado, na qual

(...) com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (ANDRADE, 1972, p. 182-83)

Assim, a ensaísta, emparelhando as cartas de Machado e Mário, conclui que o autor nascido no século XIX, mantém-se rigorosamente dentro das regras convencionais. Por sua vez, o autor de “Macunaíma” desobedece à norma, buscando inventar novas jogadas no cenário epistolar.

Em estudos mais recentes, vemos Maria Helena Werneck (2000) e Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) se dedicarem à análise epistolar machadiana, proporcionando novas formas de interpretação de tais mis-

sivas. Werneck identifica na correspondência machadiana “inesperados traços do individualismo grego”. Aproximando-se de uma abordagem biográfica, a pesquisadora vê o “corpo” do autor entranhado na escritura epistolográfica, procurando, inclusive, identificar indícios físicos, pois “a emenda no texto, a letra tremida, diminuta, são vestígios de um progressivo engajamento na relação consigo mesmo através do olhar do outro” (WERNECK, 2000, p. 143). Ribas complementa a análise de Werneck, quando investiga e analisa minuciosamente as missivas e se propõe “considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas” (RIBAS, 2008, p. 30).

Esta breve passagem pela fortuna crítica da epistolografia machadiana mostra a necessidade de aprofundamento nas pesquisas desse gênero, pois muitas interpretações ainda estão presas ao biografismo, além de indicar também abordagens mais produtivas, como uma perspectiva de análise mais profunda da correspondência, como aquela que propõe o contraste entre diferentes diálogos epistolares constituídos por Machado de Assis, definidores de sua *personae*.

Motivados por esta necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana e orientados pela leitura de textos críticos sobre o tema, foi possível, por meio de uma primeira leitura das cartas, extrair alguns dados interessantes que corroboram nossa tese.

As cartas enviadas ou recebidas por Machado de Assis refletem, ainda que de maneira sutil, não só a repercussão de algumas das suas obras, como também etapas de sua composição e publicação. Marcos Antonio de Moraes nos diz, em “Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária”, que:

O escritor efetivamente “anuncia”, sem grandes desenvolvimentos, em muitas outras cartas, que possui “um livro no prelo”, “alguma coisa que te[m] em mãos” (mas não sabe se acabará); a publicação de “certo número de páginas”, de “retalhos inéditos e impressos” ou “de escritos que andam esparsos”. Confidencia que está “acabando um livro, em que trabalh[a] há tempos bastantes”!. Acha “provável” publicar algo em 1898, tudo dependendo “de eventos e circunstâncias”. Com pouca frequência, a notícia se desdobra em direção aos meandros da produção. (MORAES, 2011, p. 102)

Ainda que sem grandes desenvolvimentos ou expressões mais detalhadas, é possível verificar alguns traços de elaboração/composição de suas obras. Em 1901, o escritor envia ao amigo Magalhães de Azeredo a

reedição em um único volume de suas “Poesias completas”, e, em carta de 15 de agosto do mesmo ano, revela ao correspondente escolhas como no trecho “Cortei muita coisa aos dois primeiros, e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 2012, p. 83) e arrependimentos como em “arrependi-me de alguns cortes” (ASSIS, 2012, p. 83). Nesta mesma carta, Machado fornece ao seu destinatário detalhes importantes que o levaram a optar pela retirada dos versos do poema “Menina e moça”: “Essa página foi suprimida por algumas alusões do tempo, como este verso: ‘Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon’, que ninguém sabe que alude à professora e à modista, mas bastava cortá-lo. Enfim, não valeria a pena incluí-la” (ASSIS, 2012, p. 83).

Além de acreditarmos conseguir, por meio de uma análise atenta e minuciosa da correspondência machadiana, extrair dados que ilustrem processos de cunho literário do autor, podemos destacar também aspectos biográfico-vivenciais, o que atribui um valor documental às missivas, corrigindo algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. É o que vemos em carta de Miguel de Novaes, datada em 21 de maio de 1882. Muitos autores, como Fernando Nery, pensaram que Machado e Carolina se ausentaram da corte naquele ano e foram para Friburgo. Outros afirmavam que o casal foi a Petrópolis. O equívoco dos biógrafos se desfaz por meio da carta citada, em que o irmão de Carolina não deixa dúvidas: “Amigo Machado de Assis. Tenho presente sua carta de 21 de março, de Petrópolis” (ASSIS, 2009, p. 219).

Pretendemos, portanto, com nossa pesquisa, desvendar importantes dados sobre o autor e sua obra, contribuindo para as pesquisas sobre o gênero epistolar e, mais especificamente, para a epistolografia machadiana, campo ainda pouco explorado, comparado à sua produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, este projeto de pesquisa propõe um estudo minucioso das cartas do autor das *Memórias Póstumas*, procurando responder à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento quando afirma que

Há um risco de circularidade nessa pergunta. O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a

leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET. In: ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar a qualidade e relevância da correspondência machadiana para a interpretação da vida e obra do autor. Ao longo dos estudos realizados na pesquisa, desenvolveremos uma análise detalhada das missivas e procuraremos mostrar, por meio destas, a construção e consolidação do autor Machado de Assis. Acreditamos ser possível extrair de suas cartas elementos que nos ajudem a traçar tanto seu perfil biográfico, desmistificando a ideia de homem “casmurro” e “ensimesmado”, quanto um perfil literário, o de “homem das letras”, dedicado à crítica, à leitura e à escrita.

Para tanto, serão mapeados os temas privilegiados pelo “jovem” missivista, que serão comparados aos que o escritor vai eleger na fase “da maturidade”, mostrando mudanças (ou não) de pensamentos, conceitos e ideais; com tal estudo, pretende-se estabelecer possíveis articulações entre a *grafia de vida* e a obra do autor. Faz-se necessário também identificar os traços da “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo em sua literatura epistolar. Pretendemos investigar como o autor, desde a juventude até a maturidade, “se monta” diante de seus correspondentes. Há mudanças na *imagem de si* de acordo como o correspondente? Seria possível identificarmos diferentes ‘Machados’ na escrita epistolar? São algumas questões que desejamos resolver ao longo da pesquisa. Além disso, investigaremos na correspondência traços que definam um perfil biográfico e, com isso, atribuindo às missivas *valor documental*. Numa primeira leitura das cartas e do *corpus* teórico, já é possível apontarmos alguns dados que retificam informações biográficas do autor, conforme vimos na parte final da introdução deste projeto.

Por fim, cabe analisar as cartas trocadas com seus pares como “arquivos de criação”, conforme cita Marcos Antonio de Moraes, e destacar, por meio dos comentários e impressões de seus correspondentes, as primeiras “críticas” de algumas de suas obras para, finalmente, verificar a contribuição da literatura epistolar machadiana para a construção do “autor” Machado de Assis.

A metodologia deste projeto de pesquisa tem como base a leitura minuciosa das cartas que integram o *corpus* da investigação, ou seja, os volumes publicados pela Academia Brasileira de Letras, abrangendo car-

tas de 1860 a 1908. Levando em conta o grande volume de documentos, limitaremos o *corpus* selecionando alguns correspondentes, considerando a importância destes no cenário social e cultural da época, além da relevância dos temas tratados nas cartas. Inicialmente serão examinadas as missivas de Machado de Assis trocadas com Miguel de Novaes, Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Mário de Alencar, Salvador de Mendonça e Lúcio de Mendonça. Pretende-se, numa segunda leitura do epistolário, selecionar outros correspondentes, preferencialmente os menos conhecidos e estudados, a fim de enriquecer as pesquisas a respeito da correspondência machadiana, contribuindo para o desenvolvimento dos objetivos propostos e comprovação do problema.

Para analisar de forma precisa a correspondência machadiana, também será realizada a leitura de uma bibliografia crítico-teórica, que inclua estudos teóricos clássicos e contemporâneos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero. Podemos destacar de nosso *corpus* teórico três estudos principais: o texto “A escrita de si”, de Michel Foucault (1985), que também é citado em outros estudos, como o de Maria Cristina Ribas; Brigitte Diaz (2016) com seu trabalho “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”; e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com “Escritas epistolares”.

Para Foucault, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados e do tom que assume Machado de Assis com seus correspondentes.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (FOUCAULT, 1985, p. 147), como podemos verificar, por exemplo, nas cartas que Machado de Assis troca com Mário de Alencar. O tom de aconselhamento e ajuda é evidente. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda” (WERNECK, 2000, p. 143).

Brigitte Diaz, professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie, discute as características próprias da escrita epistolar e explica por que generalizações em relação ao seu gênero poderiam levar a aproximações equivocadas do olhar crítico. Segundo a estudiosa, as cartas são “textos híbridos e rebeldes” (DIAZ, 2016, p. 11), que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos ou testemunhos. “As cartas, então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como as obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra” (DIAZ, 2016, p. 11).

Diaz explica também a relação entre destinatário e remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Completa essa ideia afirmando que

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo. (DIAZ, 2016, p. 145)

Geneviève Haroche-Bouzinac, professora de Literatura francesa da Université d’Orléans, tem como foco a leitura da carta, situando o gênero epistolar na história. Na definição utilizada por ela, que foi dada o-

iginalmente por Giles Constable⁸², a existência de uma destinação e subscrição explícitas seria suficiente para distinguir o gênero epistolar de outros tipos de discurso. A estudiosa afirma que a carta se caracteriza pela instabilidade de suas formas e pela flexibilidade de seu uso.

Para ela, a carta se limita a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Dessa forma, não é raro vermos a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura, o que poderia justificar os escassos trabalhos sobre o gênero durante um longo período. Isso, segundo a estudiosa, revela um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade que se encontra em inscrevê-la em uma ou outra categoria. Entretanto, como qualquer outro gênero, a carta obedece a um mínimo de restrições retóricas, pois possui uma reserva de temas e constitui o objeto ao qual Philippe Hamon⁸³ chama “pacto de comunicação mais ou menos implícito” (HAMON *apud* Haroche-Bouzinac, 2016, p. 19).

A professora afirma que a carta permite que as relações sobrevivam, pois é quase sempre apresentada como algo que cria uma ilusão, seja de presença, seja de diálogo, o que nos permite estabelecer um paralelo com o discurso de Foucault. Ela também explica que o correspondente ideal não é aquele que sempre responde, mas aquele que possui as características ideais. O correspondente pode opor-se e se mostrar à altura de seu interlocutor sem, contudo, deixar de receber a estima de seu par epistolar.

Além dos estudos mencionados, a metodologia contará com abordagens crítico-teóricas sobre a correspondência de Machado de Assis, com destaque para os ensaios de Maria Helena Werneck⁸⁴ e Marília Rothier Cardoso⁸⁵, assim como textos críticos sobre a correspondência de escritores brasileiros e estrangeiros, como o estudo de Silvano Santiago⁸⁶ sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade; e o de José

⁸² Historiador britânico.

⁸³ Ensaísta francês, crítico literário e professor universitário.

⁸⁴ WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

⁸⁵ CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

⁸⁶ SANTIAGO, Silvano. Suas cartas, nossas cartas. In: ____; FROTA, Lélia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

Murilo de Carvalho⁸⁷ sobre a correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

Pretende-se, assim, ao longo do desenvolvimento deste projeto, comprovar as hipóteses aqui levantadas, a fim de defender a tese proposta traçando, por meio da análise do epistolário machadiano, seu crescimento e amadurecimento como autor, sua passagem de “Machadinho” a Machado de Assis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de; AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgílio. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo V – 1905-1908. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3. ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Empréstimo de ouro. Cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Apresentação de Antonio Candido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho & Teresa Cristina Meireles de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. *Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis*. O Eixo e a Roda, n. 4. Belo Horizonte, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. As duas Repúblicas. Prefácio à 3ª ed. In: _____. ARANHA, Graça (Org.). Machado de Assis & Joaquim Nabuco. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 9-18

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: PUC-Rio, 2009.

EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs). *Livro involuntário: literatura, história, matéria & Memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 208.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. v. 5. p. 144-62, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LIMA, Luis Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MEYER, Augusto. *Textos críticos*. Org. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva; Instituto Nacional do Livro, 1986.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e crítica genética*. São Paulo. Março, 2007, p. 30-32. Arquivo digital disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252007000100015

_____. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. In: *Revista Machado de Assis em linha*, ano 4, número 7, junho 2011, Usp.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Pulo, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Capítulo I: perspectiva. In: _____. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, 1955.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: _____. ; FROTA, Lé-
lia Coelho (Org.). Carlos e Mário. *Correspondência de Carlos Drum-
mond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”: os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 143

_____. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das bio-
grafias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.